



TIM-BERNERS-LEE

Criador da World Wide Web na luta contra as “fake news”

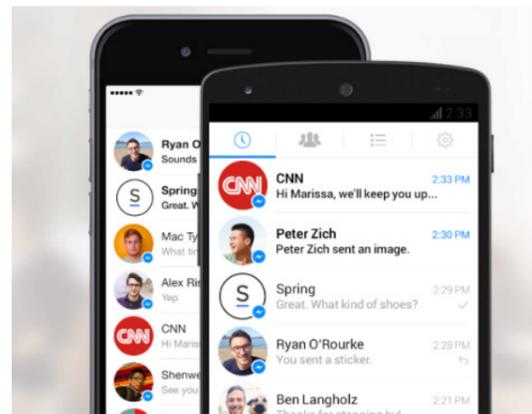
Tim Berners-Lee, o inventor da WWW (World Wide Web), diz estar preocupado sobre o impacto das “fake news” e revelou planos para as combater.

O inventor da World Wide Web (WWW), Tim Berners-Lee, revelou a sua preocupação em relação às *fake news*, as *notícias falsas* que considera estarem a criar um “efeito arrepiante” na liberdade de expressão. Um dos problemas, indica numa carta aberta, é o facto de a informação poder ser obtida através de vários sites que são pagos ao clique.

“A internet proporciona que estes sites nos mostrem conteúdo no qual eles pensam que vamos clicar”, escreve Berners-Lee ao referir que essa informação (as *fake news*) são apenas algo que aparenta ser surpreendente, chocante ou criado apenas para apelar a que as pessoas partilhem e cliquem no tópico em questão.

O criador da WWW chama à atenção de que “apesar do uso de dados científicos e exércitos de *bots*, quem tiver más intenções pode enganar o sistema levando-o a espalhar informação errada para ganhos a nível financeiro e político”. Berners-Lee acrescenta ainda que os governos estão a utilizar informação em massa para “contornar” a lei, levando a que alguns *bloggers* e dissidentes sejam presos e mortos em regimes mais repressivos.

O responsável por uma das maiores invenções da atualidade aproveitou a carta aberta para criticar, também, os grupos políticos que se aproveitam destas situações para divulgarem mensagens aos eleitores. Berners-Lee ainda apelou a que grandes empresas tecnológicas, como a Google e o Facebook, apostassem ainda mais nos reforços contra as *fake news*.



INTERNET BOT



FAKE TRUMP

As “notícias falsas” espalhadas por Donald Trump e a sua equipa

Um massacre inventado, algo que se terá passado na Suécia mas que não se sabe bem o que foi, vetos que não o foram, atentados que nunca chegaram a sê-lo... Eis alguma das notícias falsas de Trump.

Se andar pela Internet, não estranhe esbarrar com títulos noticiosos que, de tão surpreendentes, parecem irrealis. Na verdade, são mesmo irrealis. Nos EUA, o ano de 2016 foi produtivo nesse aspeto, com os seguintes títulos a surgirem em publicações desconhecidas mas que muitos norte-americanos tomaram como fidedignas: “Papa Francisco choca o mundo, apoia Donald Trump para Presidente, lança comunicado”; “Agente do FBI suspeito na fuga de emails encontrado morto em aparente homicídio-suicídio”; ou “Obama assina ordem executiva a banir o juramento da bandeira em escolas de todo o país”.

“Vejam o que se passou ontem à noite na Suécia. Suécia! Acreditam nisto? Suécia!” Num discurso em que tentava estabelecer uma ligação entre a entrada de refugiados do Médio Oriente na Europa com a ocorrência de atentados terroristas no continente, Donald Trump escolheu enumerar alguns exemplos. Falou da Alemanha, de Bruxelas, tal como de Nice e Paris — tudo sítios onde houve atentados levados a cabo por terroristas islamistas. Mas, lá pelo meio, falou da Suécia. “Vejam o que se passou ontem à noite na Suécia. Suécia! Acreditam nisto? Suécia!”, disse. Mas não se tinha passado nada na Suécia.

Donald Trump fez também menção à morte por esfaqueamento de uma jovem turista britânica, Mia Ayliffe-Chung, na Austrália. A última vez, aconteceu por intermédio da equipa de Donald Trump, que apresentou aos jornalistas na Casa Branca uma lista de 78 atentados que terão passado despercebidos nos media. Nessa lista, havia atentados altamente mediatizados, como em Paris, Bruxelas ou em Istambul. Também havia um conjunto de ataques ou emboscadas que não chegaram a resultar em feridos. Além disso, havia uma falta notória de atentados cometidos contra vítimas de nacionalidades de países do Médio Oriente, como o atentado do Estado Islâmico que matou mais de 300 pessoas em Bagdade a 3 de julho de 2016.

Na mesma entrevista, Kellyanne Conway falou do “massacre de Bowling Green”, atribuindo-o



AIRFORCE ONE

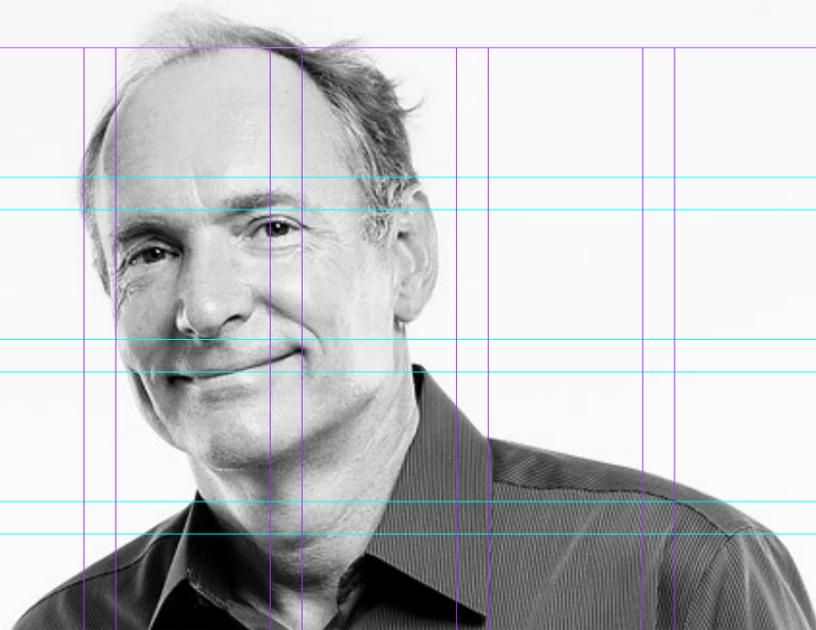


KELLYANNE CONWAY



TRUMP EM DISCURSO

“dois iraquianos que vieram para este país e foram radicalizados”. O problema desta afirmação é que ela é falsa — nunca houve um “massacre” ou qualquer tipo de atentado terrorista naquela localidade do estado do Kentucky. O que estava em causa era antes um esquema em que dois requerentes de asilo iraquianos pretendiam enviar armas e dinheiro para grupos fundamentalistas no Iraque.



TIM-BERNERS-LEE

Criador da World Wide Web na luta contra as “fake news”

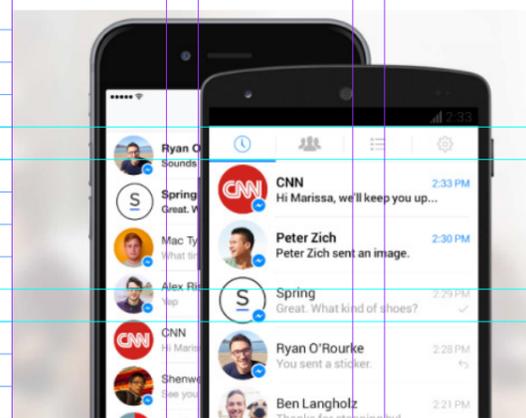
Tim Berners-Lee, o inventor da WWW (World Wide Web), diz estar preocupado sobre o impacto das “fake news” e revelou planos para as combater.

O inventor da World Wide Web (WWW), Tim Berners-Lee, revelou a sua preocupação em relação às *fake news*, as *notícias falsas* que considera estarem a criar um “efeito arrepiante” na liberdade de expressão. Um dos problemas, indica numa carta aberta, é o facto de a informação poder ser obtida através de vários sites que são pagos ao clique.

“A internet proporciona que estes sites nos mostrem conteúdo no qual eles pensam que vamos clicar”, escreve Berners-Lee ao referir que essa informação (as *fake news*) são apenas algo que aparenta ser surpreendente, chocante ou criado apenas para apelar a que as pessoas partilhem e cliquem no tópico em questão.

O criador da WWW chama à atenção de que “apesar do uso de dados científicos e exércitos de *bots*, quem tiver más intenções pode enganar o sistema levando-o a espalhar informação errada para ganhos a nível financeiro e político”. Berners-Lee acrescenta ainda que os governos estão a utilizar informação em massa para “contornar” a lei, levando a que alguns *bloggers* e dissidentes sejam presos e mortos em regimes mais repressivos.

O responsável por uma das maiores invenções da atualidade aproveitou a carta aberta para criticar, também, os grupos políticos que se aproveitam destas situações para divulgarem mensagens aos eleitores. Berners-Lee ainda apelou a que grandes empresas tecnológicas, como a Google e o Facebook, apostassem ainda mais nos reforços contra as *fake news*.



INTERNET BOT



FAKE TRUMP

As “notícias falsas” espalhadas por Donald Trump e a sua equipa

Um massacre inventado, algo que se terá passado na Suécia mas que não se sabe bem o que foi, vetos que não o foram, atentados que nunca chegaram a sê-lo... Eis alguma das notícias falsas de Trump.

Se andar pela Internet, não estranhe esbarrar com títulos noticiosos que, de tão surpreendentes, parecem irreais. Na verdade, são mesmo irreais. Nos EUA, o ano de 2016 foi produtivo nesse aspeto, com os seguintes títulos a surgirem em publicações desconhecidas mas que muitos norte-americanos tomaram como fidedignas: “Papa Francisco choca o mundo, apoia Donald Trump para Presidente, lança comunicado”; “Agente do FBI suspeito na fuga de emails encontrado morto em aparente homicídio-suicídio”; ou “Obama assina ordem executiva a banir o juramento da bandeira em escolas de todo o país”.

“Vejam o que se passou ontem à noite na Suécia. Suécia! Acreditam nisto? Suécia!” Num discurso em que tentava estabelecer uma ligação entre a entrada de refugiados do Médio Oriente na Europa com a ocorrência de atentados terroristas no continente, Donald Trump escolheu enumerar alguns exemplos. Falou da Alemanha, de Bruxelas, tal como de Nice e Paris — tudo sítios onde houve atentados levados a cabo por terroristas islamistas. Mas, lá pelo meio, falou da Suécia. “Vejam o que se passou ontem à noite na Suécia. Suécia! Acreditam nisto? Suécia!” disse. Mas não se tinha passado nada na Suécia.

Donald Trump fez também menção à morte por esfaqueamento de uma jovem turista britânica, Mia Ayliffe-Chung, na Austrália. A última vez, aconteceu por intermédio da equipa de Donald Trump, que apresentou aos jornalistas na Casa Branca uma lista de 78 atentados que terão passado despercebidos nos media. Nessa lista, havia atentados altamente mediatizados, como em Paris, Bruxelas ou em Istambul. Também havia um conjunto de ataques ou emboscadas que não chegaram a resultar em feridos. Além disso, havia uma falta notória de atentados cometidos contra vítimas de nacionalidades de países do Médio Oriente, como o atentado do Estado Islâmico que matou mais de 300 pessoas em Bagdade a 3 de julho de 2016.

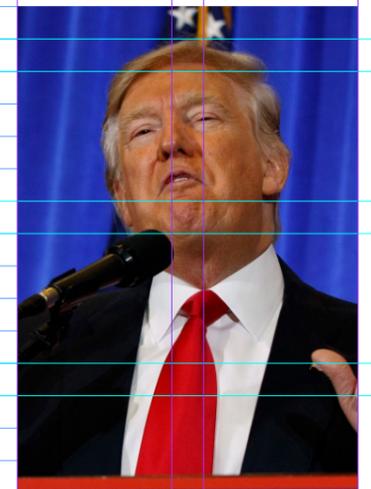
Na mesma entrevista, Kellyanne Conway falou do “massacre de Bowling Green”, atribuindo-o



AIRFORCE ONE



KELLYANNE CONWAY



TRUMP EM DISCURSO

“dois iraquianos que vieram para este país e foram radicalizados”. O problema desta afirmação é que ela é falsa — nunca houve um “massacre” ou qualquer tipo de atentado terrorista naquela localidade do estado do Kentucky. O que estava em causa era antes um esquema em que dois requerentes de asilo iraquianos pretendiam enviar armas e dinheiro para grupos fundamentalistas no Iraque.

Criador da World Wide Web na luta contra as “fake news”

Tim Berners-Lee, o inventor da WWW (World Wide Web), diz estar preocupado sobre o impacto das “fake news” e revelou planos para as combater.

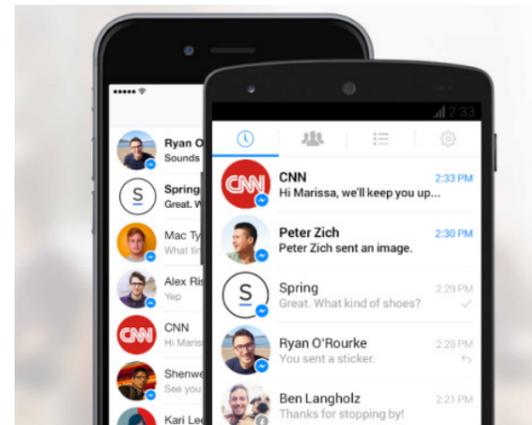


TIM-BERNERS-LEE

O inventor da World Wide Web (WWW), Tim Berners-Lee, revelou a sua preocupação em relação às *fake news*, as notícias falsas que considera estarem a criar um “efeito arrepiante” na liberdade de expressão. Um dos problemas, indica numa carta aberta, é o facto de a informação poder ser obtida através de vários sites que são pagos ao clique.

“A internet proporciona que estes sites nos mostrem conteúdo no qual eles pensam que vamos clicar”, escreve Berners-Lee ao referir que essa informação (as *fake news*) são apenas algo que aparenta ser surpreendente, chocante ou criado apenas para apelar a que as pessoas partilhem e cliquem no tópico em questão.

O criador da WWW chama à atenção de que “apesar do uso de dados científicos e exércitos de *bots*, quem tiver más intenções pode enganar o sistema levando-o a espalhar informação



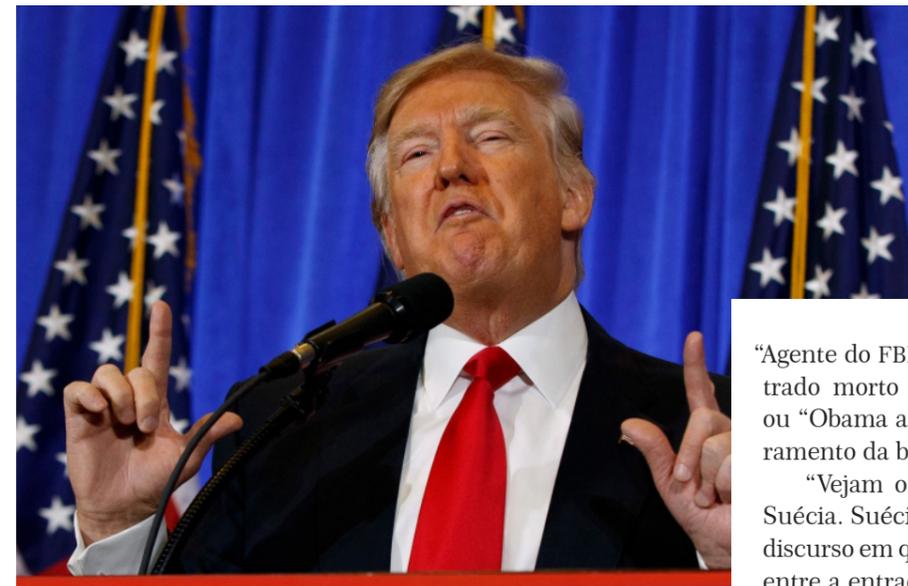
INTERNET BOT



FAKE TRUMP

errada para ganhos a nível financeiro e político”. Berners-Lee acrescenta ainda que os governos estão a utilizar informação em massa para “contornar” a lei, levando a que alguns *bloggers* e dissidentes sejam presos e mortos em regimes mais repressivos.

O responsável por uma das maiores invenções da atualidade aproveitou a carta aberta para criticar, também, os grupos políticos que se aproveitam destas situações para divulgarem mensagens aos eleitores. Berners-Lee ainda apelou a que grandes empresas tecnológicas, como a Google e o Facebook, apostassem ainda mais nos reforços contra as *fake news*.



TRUMP EM DISCURSO



AIRFORCE ONE



KELLYANNE CONWAY

As “notícias falsas” espalhadas por Donald Trump e a sua equipa

Um massacre inventado, algo que se terá passado na Suécia mas que não se sabe bem o que foi, vetos que não o foram, atentados que nunca chegaram a sê-lo... Eis alguma das notícias falsas de Trump.

Se andar pela Internet, não estranhe esbarrar com títulos noticiosos que, de tão surpreendentes, parecem irreais. Na verdade, são mesmo irreais. Nos EUA, o ano de 2016 foi produtivo nesse aspeto, com os seguintes títulos a surgirem em publicações desconhecidas mas que muitos norte-americanos tomaram como fidedignas: “Papa Francisco choca o mundo, apoia Donald Trump para Presidente, lança comunicado”;

“Agente do FBI suspeito na fuga de emails encontrado morto em aparente homicídio-suicídio”; ou “Obama assina ordem executiva a banir o juramento da bandeira em escolas de todo o país”.

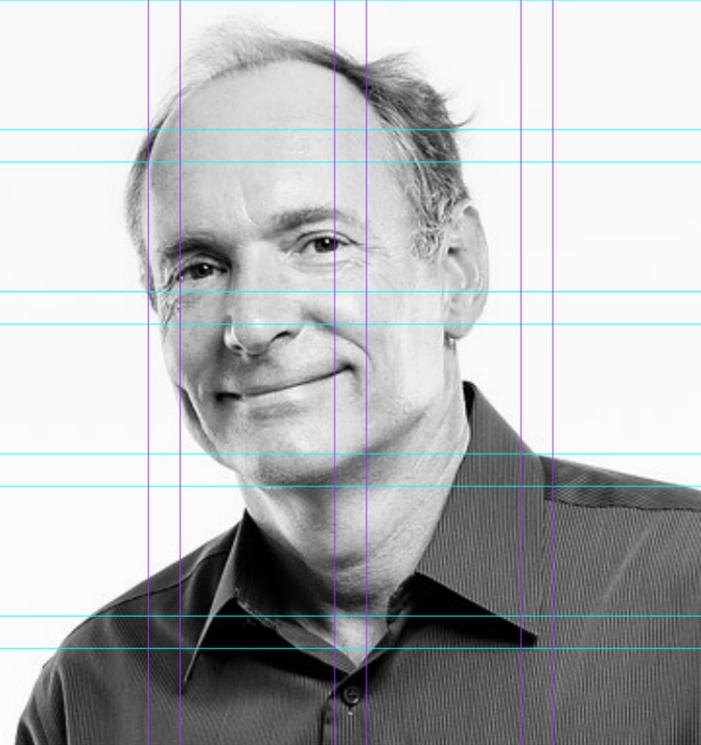
“Vejam o que se passou ontem à noite na Suécia. Suécia! Acreditam nisto? Suécia!” Num discurso em que tentava estabelecer uma ligação entre a entrada de refugiados do Médio Oriente na Europa com a ocorrência de atentados terroristas no continente, Donald Trump escolheu enumerar alguns exemplos. Falou da Alemanha, de Bruxelas, tal como de Nice e Paris — tudo sítios onde houve atentados levados a cabo por terroristas islamistas. Mas, lá pelo meio, falou da Suécia. “Vejam o que se passou ontem à noite na Suécia. Suécia! Acreditam nisto? Suécia!”, disse. Mas não se tinha passado nada na Suécia.

Donald Trump fez também menção à morte por esfaqueamento de uma jovem turista britânica, Mia Ayliffe-Chung, na Austrália. A última vez, aconteceu por intermédio da equipa de Donald Trump, que apresentou aos jornalistas na Casa Branca uma lista de 78 atentados que terão passado despercebidos nos media. Nessa lista, havia atentados altamente mediatizados, como em Paris, Bruxelas ou em Istambul. Também havia um conjunto de ataques ou emboscadas que não chegaram a resultar em feridos. Além disso, havia uma falta notória de atentados cometidos contra vítimas de nacionalidades de países do Médio Oriente, como o atentado do Estado Islâmico que matou mais de 300 pessoas em Bagdade a 3 de julho de 2016

Na mesma entrevista, Kellyanne Conway falou do “massacre de Bowling Green”, atribuindo-o “dois iraquianos que vieram para este país e foram radicalizados”. O problema desta afirmação é que ela é falsa — nunca houve um “massacre” ou qualquer tipo de atentado terrorista naquela localidade do estado do Kentucky. O que estava em causa era antes um esquema em que dois requerentes de asilo iraquianos pretendiam enviar armas e dinheiro para grupos fundamentalistas no Iraque.

Criador da World Wide Web na luta contra as “fake news”

Tim Berners-Lee, o inventor da WWW (World Wide Web), diz estar preocupado sobre o impacto das “fake news” e revelou planos para as combater.

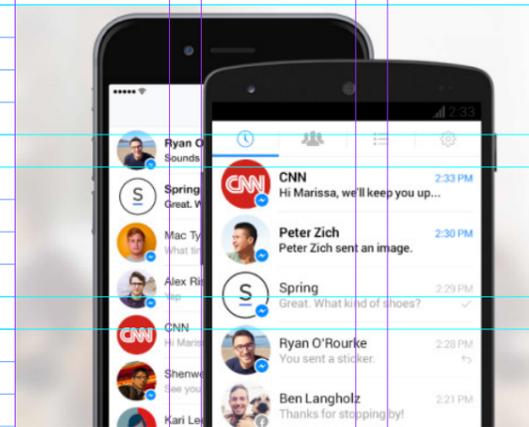


TIM-BERNERS-LEE

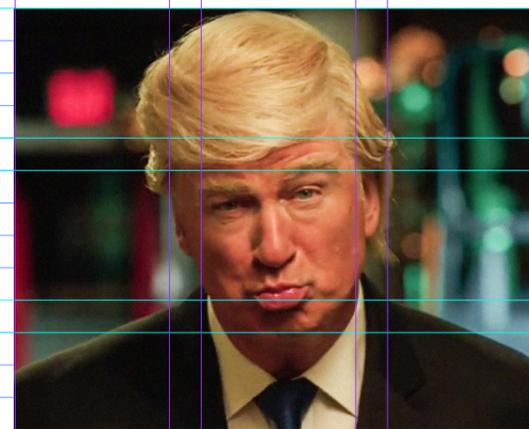
O inventor da World Wide Web (WWW), Tim Berners-Lee, revelou a sua preocupação em relação às *fake news*, as notícias falsas que considera estarem a criar um “efeito arrepiante” na liberdade de expressão. Um dos problemas, indica numa carta aberta, é o facto de a informação poder ser obtida através de vários sites que são pagos ao clique.

“A internet proporciona que estes sites nos mostrem conteúdo no qual eles pensam que vamos clicar”, escreve Berners-Lee ao referir que essa informação (as *fake news*) são apenas algo que aparenta ser surpreendente, chocante ou criado apenas para apelar a que as pessoas partilhem e cliquem no tópico em questão.

O criador da WWW chama à atenção de que “apesar do uso de dados científicos e exércitos de *bots*, quem tiver más intenções pode enganar o sistema levando-o a espalhar informação



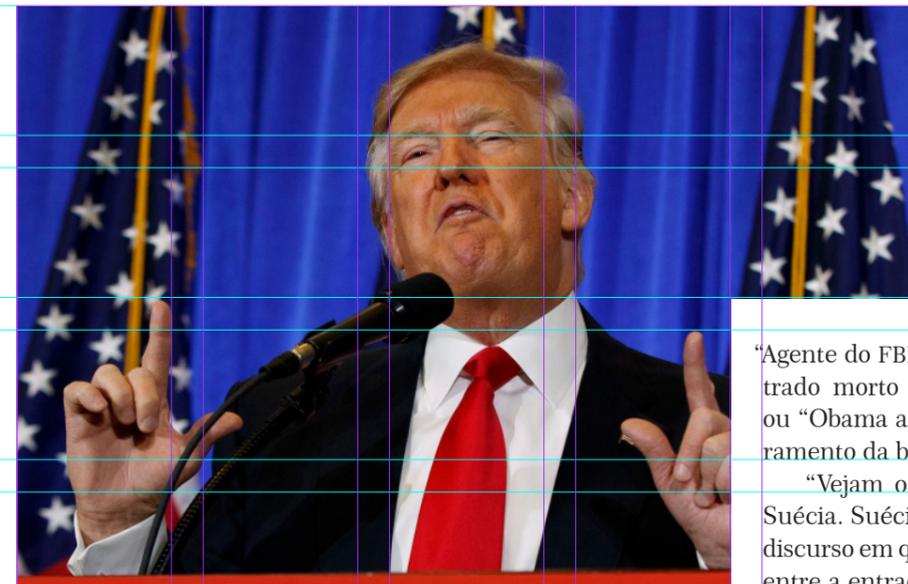
INTERNET BOT



FAKE TRUMP

errada para ganhos a nível financeiro e político”. Berners-Lee acrescenta ainda que os governos estão a utilizar informação em massa para “contornar” a lei, levando a que alguns *bloggers* e dissidentes sejam presos e mortos em regimes mais repressivos.

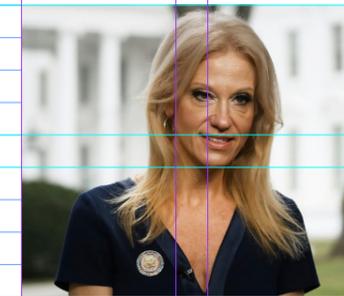
O responsável por uma das maiores invenções da atualidade aproveitou a carta aberta para criticar, também, os grupos políticos que se aproveitam destas situações para divulgarem mensagens aos eleitores. Berners-Lee ainda apelou a que grandes empresas tecnológicas, como a Google e o Facebook, apostassem ainda mais nos reforços contra as *fake news*.



TRUMP EM DISCURSO



AIRFORCE ONE



KELLYANNE CONWAY

As “notícias falsas” espalhadas por Donald Trump e a sua equipa

Um massacre inventado, algo que se terá passado na Suécia mas que não se sabe bem o que foi, vetos que não o foram, atentados que nunca chegaram a sê-lo... Eis alguma das notícias falsas de Trump.

Se andar pela Internet, não estranhe esbarrar com títulos noticiosos que, de tão surpreendentes, parecem irreais. Na verdade, são mesmo irreais. Nos EUA, o ano de 2016 foi produtivo nesse aspeto, com os seguintes títulos a surgirem em publicações desconhecidas mas que muitos norte-americanos tomaram como fidedignas: “Papa Francisco choca o mundo, apoia Donald Trump para Presidente, lança comunicado”;

“Agente do FBI suspeito na fuga de emails encontrado morto em aparente homicídio-suicídio”; ou “Obama assina ordem executiva a banir o juramento da bandeira em escolas de todo o país”.

“Vejam o que se passou ontem à noite na Suécia. Suécia! Acreditam nisto? Suécia!” Num discurso em que tentava estabelecer uma ligação entre a entrada de refugiados do Médio Oriente na Europa com a ocorrência de atentados terroristas no continente, Donald Trump escolheu enumerar alguns exemplos. Falou da Alemanha, de Bruxelas, tal como de Nice e Paris — tudo sítios onde houve atentados levados a cabo por terroristas islamistas. Mas, lá pelo meio, falou da Suécia. “Vejam o que se passou ontem à noite na Suécia. Suécia! Acreditam nisto? Suécia!” disse. Mas não se tinha passado nada na Suécia.

Donald Trump fez também menção à morte por esfaqueamento de uma jovem turista britânica, Mia Ayliffe-Chung, na Austrália. A última vez, aconteceu por intermédio da equipa de Donald Trump, que apresentou aos jornalistas na Casa Branca uma lista de 78 atentados que terão passado despercebidos nos media. Nessa lista, havia atentados altamente mediatizados, como em Paris, Bruxelas ou em Istambul. Também havia um conjunto de ataques ou emboscadas que não chegaram a resultar em feridos. Além disso, havia uma falta notória de atentados cometidos contra vítimas de nacionalidades de países do Médio Oriente, como o atentado do Estado Islâmico que matou mais de 300 pessoas em Bagdade a 3 de julho de 2016.

Na mesma entrevista, Kellyanne Conway falou do “massacre de Bowling Green”, atribuindo-o a “dois iraquianos que vieram para este país e foram radicalizados”. O problema desta afirmação é que ela é falsa — nunca houve um “massacre” ou qualquer tipo de atentado terrorista naquela localidade do estado do Kentucky. O que estava em causa era antes um esquema em que dois requerentes de asilo iraquianos pretendiam enviar armas e dinheiro para grupos fundamentalistas no Iraque.